

MD
A Filosofia do Poder no Brasil: "Autoritarismo desmobilizador" ou "Conciliação".

Roteiro

Introdução

geralmente 1. Por "Filosofia do poder" entenderemos a consciência imediata, frequentemente implícita, que acompanha a atuação dos donos do poder. Ou seja, o que há de nuclear, de fundamental na percepção desses atores. Por se tratar de uma ideologia imanente à prática política, tal "filosofia" constitui menos uma justificativa destinada a impressionar terceiros do que da maneira como, espontaneamente, o poder vê a si próprio e concebe suas relações com a Sociedade Civil.

2. No caso brasileiro, essa filosofia nos parece ter sido relativamente constante desde os meados do século passado. No entanto tem oscilado entre duas variantes principais, que denominaremos "autoritarismo desmobilizador" (ou "ideologia de Estado") e "Conciliação". A primeira, explicitada sobretudo por Oliveira Vianna, enfatiza a distância entre Estado e Sociedade Civil, e a passividade do ator político comum. A segunda, formulada por Gilberto Freyre em Novos Mundo nos Trópicos e em Quase Política, reduz essa distância e concebe a relação governante/governados como cordial (quando não deturpada por fatores alheios à nacionalidade), se bem que hierárquica e intermediária entre a relação igualitária e a relação senhor/súdito.

3. Em relação a essa ideologia "primária", as doutrinas que, desde o Visconde do Uruguay até a Escola Superior de Guerra, focalizaram o poder - seus objetivos, sua natureza, suas condições de surgimento e durabilidade - têm constituído ideologias "secundárias". Isto é, adaptações circunstanciais e/ou "racionalizações", fenômenos de dissimulação ou legitimação destinados a facilitar a aceitação do conteúdo "primário", por parte de outros grupos que não os grupos dominantes. O mesmo se dirá em relação às ideologias sucessivamente dominantes - como liberalismo, populismo, desenvolvimentismo etc... - no tocante à sua conceituação do poder.

1a. Parte: Os postulados da filosofia do poder no Brasil

A ideologia afirma:

1.1. Independentemente das qualidades que podem possuir seus membros, a Sociedade Civil brasileira é politicamente fraca. Ou seja, é incapaz - tomada em conjunto ou considerando-se apenas os grupos socio-economicamente dominantes - de se auto-organizar num todo composto de partes interdependentes (na conceituação de Alberto Torres) e/ou de se expressar num Estado digno deste nome (na conceituação de Nestor Duarte). Essa fraqueza política acarreta outras, em todas as esferas sociais. Assim como a fra-

